

DEZOITO

O bairro onde Dona Dilma, a avó de Otávio, mora é curioso. Talvez uma espécie de metonímia da cidade. As antíteses, aparentes em qualquer lugar, aqui se aproximam do paradoxo. O abandono pelas ruas e os milhares de mendigos sobrevivem dos restos da sociedade junto da multidão de turistas. Os prédios têm centenas de apartamentos e a avenida à beira-mar recebe livre a brisa da manhã. As calçadas são lotadas de vendedores informais ao lado das grifes caríssimas e dos hotéis com várias estrelas. Os meninos de rua e as madames andam, lado a lado, sem reparar uns nas outras, pelo calçadão. É aquela areia que parece não acabar, sitiada, dividida, entre figuras das mais diferentes estirpes. Prostitutas saem à noite, e as babás com seus bebês, pela manhã. É o bairro que reflete e antecipa o restante da cidade, um microcosmo do todo. Os engarrafamentos do centro podem ser encontrados na sua principal avenida. Os dois fortes são proteção e mirante ao mesmo tempo. É a população que vem de todas as zonas, dos subúrbios, de outros municípios, de outros estados e até de outras regiões. Um bairro que é a cidade em menor escala.

Xavier observa o prédio de Dona Dilma: pintura escura, a duas quadras da praia, grandes varandas, antigo. “Rico”, acrescenta em um resumo mental. Pede ao porteiro para subir, espera o interfone autorizar sua entrada enquanto observa o grande espelho, que cobre toda a parede do corredor, os detalhes na parede em dourado e da luz amarela, os vasos de plantas, os móveis de madeira pesada, o tapete grosso, velho, usado, e logo já está no elevador. Durante a subida, tenta não pensar em nada, mas está nervoso. Nervoso como nunca. À porta do apartamento está uma senhora magra e elegante, com as maçãs do rosto salientes, de cabelos branco-azulados volumosos. O sorriso é um misto de generoso com burocrático. Dona Dilma tem o temperamento doutrinado, como uma rainha idosa. Consegue até que seu sorriso pareça espontâneo. Não a conhecia, mas à primeira vista, ela lhe parece simpática. Xavier respira fundo. Educadamente, a senhorinha estende o braço e oferece o lar para que o detetive entre. Ele pede licença, humilde e desajeitadamente, e, após limpar bastante os pés no capacho, caminha porta adentro. Observa de baixo a cima os detalhes da casa. O chão de tábuas corridas, antigo e bem conservado. A sala ampla, os diversos móveis pesados, como se fossem comprados no mesmo lugar que os da portaria. Badulaques dentro de uma cristaleira. O bar, com diversas garrafas que ele nunca tinha visto. Dois sofás imensos cobriam a parte próxima à janela, na esquina do salão. Do outro lado, fica a mesa de jantar. Nas paredes, estantes com diversos livros. A biblioteca ficava logo no primeiro cômodo da casa. Dona Dilma aponta um assento e pede para ele se sentar.

A velhinha não parece triste, cansada talvez. Os gestos são calmos, sábios. Emanam segurança daquelas mãos lentas. Chega um copo de chá para ela, o detetive recebe a água que pediu trazida em um copo com cubos de gelo. Ele lhe pergunta, para começar a conversa, como recebeu a notícia da morte do neto. Ela bufa bem baixinho. Otávio era o único neto do único filho. Sorri, um pouco nervosa, enquanto os olhos se enchem de lágrimas à procura de um porto seguro.